



Língua e Linguagens: entre a pesquisa e o digital

Languages: between research and the digital

Renata Brandão*

RESUMO

Este artigo examinará as fronteiras de contato das linhas de pesquisa de língua estrangeira com a cultura digital. Essas se estendem entre o ambiente analógico e digital na produção de conhecimento e pesquisa no Brasil. Mais especificamente, argumento que a pesquisa de línguas se serve da cultura digital para o desenvolvimento e a atualização de sua pesquisa. Este ensaio integra o estudo, em andamento, que é parte do projeto Language Acts and Worldmaking; e permite concluir que é preciso um maior engajamento multilíngue dentro das humanidades digitais e o entendimento de como estas duas áreas de contato se comunicam e colaboram entre si.

Palavras-chave: Cultura Digital; Pesquisa; Línguas Modernas; Humanidades Digitais.

ABSTRACT

This article examines the contact boundaries between modern languages research and the digital culture. These boundaries extend between the analogue and digital environment in the production of knowledge and research in Brazil. More specifically, I argue that modern languages research draws on the digital culture for the development of its discipline and range of investigation. This essay is part of the ongoing study carried out by the Language Acts and Worldmaking project and concludes that greater multilingual engagement is required within the Digital Humanities, as well as a more extensive understanding of how these two areas of contact communicate and collaborate.

Keywords: Digital Culture; Research; Modern Languages; Digital Humanities.

INTRODUÇÃO

A pesquisa de línguas vem passando por mudanças basilares desde 1990 (TAYLOR; THORNTON, 2017). Nos últimos 20 anos, com o advento dos meios digitais, o campo das humanidades digitais vem discutindo uma importante questão sobre os efeitos da cultura e da tecnologia digital na pesquisa multilíngue. Estamos apenas começando a entender as impressões que a tecnologia digital causa na pesquisa de línguas. O impacto do advento das tecnologias digitais na abordagem teórica da pesquisa de línguas estrangeiras nos levou a desafiar o significado do termo como disciplina, e puxar os limites à medida que a informação entra e sai do meio digital.

De fato, a pesquisa de línguas é considerada uma das áreas de desenvolvimento contínuo mais importante na disciplina de humanidade digitais (KIRSCHENBAUM, 2010; FITZPATRICK, 2012; PRIANI SAISÓ et al., 2014). Com tal característica, mediações digitais são importantes instrumentos na pesquisa de línguas e seu desenvolvimento.

* Doutora em Jornalismo de Dados pela Universidade de Sheffield. Pesquisadora de pós-graduação, Humanidades Digitais King's College London. Endereço: Chesham Building, WC2R 2LS, Londres, Reino Unido. Telefone: +44(0)20 7848 1848. E-mail: renata.brandao@kcl.ac.uk

Um dos impactos significativos que as tecnologias digitais tiveram em nossa conceitualização de línguas modernas como disciplina é fazer-nos repensar alguns dos pressupostos baseados em lugares que sustentam nossa prática de pesquisa (TAYLOR; THORNTON, 2017, p.2).

O impacto da adoção de meios digitais já se sente em todas as vertentes das linhas de pesquisa de línguas. O uso de tecnologias digitais mudou a forma como abordamos os mais variados aspectos da pesquisa, desde seu objeto até sua visualização (TAYLOR; THORNTON, 2017). Da mesma forma, também se repensou os meios de impressão e publicação de pesquisas (TAYLOR; THORNTON, 2017), principalmente na área de línguas estrangeiras.

No Brasil, fica evidente que essa discussão ainda é embrionária, diante das demandas teóricas dentro da comunidade internacional de humanidades digitais (PRIANI et al., 2014). Nos últimos anos, a língua portuguesa (e espanhola) vem sendo objeto de estudo e pesquisa, ganhando espaço na discussão acerca de como o campo de humanidades digitais é empregado ao sair da área de influência dos países anglófonos. Essa abertura também tem acentuado as investigações voltadas ao estudo de como línguas não anglófonas usam de meios digitais para pesquisar línguas estrangeiras. Na verdade, o que precisa ser feito é fazer com que esses estudos sejam trabalhados no âmbito das fronteiras de contato entre a língua estrangeira e a cultura digital. Essa carência na literatura nacional torna essencial este estudo. Antes de oferecer o português como alternativa ao inglês dentro do campo de humanidades digitais, é preciso primeiramente entender como este é usado. Este artigo objetiva provocar a discussão no âmbito nacional, abordando a questão de como a pesquisa de línguas se serve da cultura digital, procurando ampliá-la para provocar outros debates.

Justifico ainda a relevância deste estudo a partir da sugestão de Worton (2009), que vocaliza a necessidade de entender a língua estrangeira como uma disciplina com uma identidade compartilhada, porém conservando seu cunho transdisciplinar. Como campo transdisciplinar, a colaboração é um importante princípio. O desenvolvimento dos estudos de línguas estrangeiras depende da ideia de observar esse conjunto de estudo como algo coletivo, tanto em termos de investimento quanto em pesquisa e educação. Daí a importância desta pesquisa e da busca por construir as mediações da cultura digital com o ensino de línguas. Este artigo fornece um retrato do atual estado da arte da pesquisa de línguas realizadas no Brasil e o uso do digital como mediador de informações.

Sendo assim, o primeiro passo, seria responder à questão: como a cultura digital presta assistência à pesquisa de línguas? O presente artigo apresenta um estudo sobre as áreas de contato da língua estrangeira com a cultura digital, debatendo o estado atual da pesquisa de línguas e os efeitos da tecnologia digital no estudo de línguas. Com base nesse pressuposto, o objetivo e produto desta pesquisa é proporcionar uma melhor compreensão das mediações digitais como processos digitais e de como estão mudando a forma como traduzimos e interpretamos a pesquisa de língua estrangeira.

A CONFLUÊNCIA DE LINGUAGENS: ESTRANGEIRA E DIGITAL

O relacionamento entre línguas estrangeiras e a cultura digital (definido aqui como algo que se estende ao campo de humanidades digitais e o conjunto de manifestações humanas criadas, divulgadas e transformadas pelo digital) é um tópico

com alguma tradição acadêmica, embora seu contexto varie muito, de acordo com o pesquisador. Debates em torno da sociedade da informação, tecnologias digitais e a revolução digital são pautas clássicas e frequentes na sociedade. Ademais, tem sido motivo de discussões e pesquisas, sobretudo no meio acadêmico. Desde seu início, a discussão proposta pelo *Companion to digital humanities* (SCHREIBMAN; SIEMENS; UNSWORTH, 2004) é abranger a área como um ponto de encontro entre ciências que herdaram práticas provindas de variadas disciplinas, utilizando metodologias emergentes – principalmente, o uso sistemático de tecnologias digitais. Talvez por isso, humanidades digitais sejam um campo bastante polissêmico (GOLD, 2012; TERRAS; NYHAN; VANHOUTTE, 2013). Neste artigo, discorro sobre humanidades digitais, porém estabelecendo contato com a cultura digital de uma maneira bastante específica. Devido ao tamanho e ao escopo desse campo, não é minha pretensão desenvolver uma abordagem abrangente da cultura digital, mas sim de tratá-la como suporte, como um meio de comunicação dessa fronteira de contato. Reconhecendo que existem tensões no interior da disciplina, assim utilizo neste artigo o entendimento do campo da cultura digital como área multifacetada de estudo que se avizinha das humanidades digitais. Esse aspecto é crítico, tendo em vista a complexa natureza da disciplina. Burdick et al.(2012) acreditam que esse campo traz conhecimento para um domínio mais amplo do que aquele com a qual a academia está acostumada a pensar e trabalhar. E até mesmo a identifica como uma das vertentes centrais da disciplina de humanidades digitais.

Em uma mescla de velhas e novas tradições, Cuddon (2013) acredita que humanidades digitais são um campo multidisciplinar que se interpõe entre a tecnologia digital e as humanidades tradicionais. De fato, este é um campo transdisciplinar, transiente e mutante, uma área em constante processo de metamorfose, na qual o análogo influencia o digital, e o digital o análogo. Berry (2011) entende a disciplina como uma conjuntura acadêmica, mas também parte dos movimentos sociais no geral, condicionada pelo uso contemporâneo de tecnologias digitais emergentes. E este é o modo através do qual vejo a disciplina de humanidades digitais nesta pesquisa: com a cultura digital permeando em pontos essa transformação digital. Portanto, por meio desses conceitos, é possível (re)modelar o entendimento da disciplina como uma linguagem local e global dentro de uma constante dialética que se expande entre o meio humanístico tradicional de pesquisa e a invenção digital.

Para mim, essa revolução digital é, em sua essência, cultural. Seu uso muda comportamentos e cria identidades. Efetivamente, Rogers (2015) acredita que os métodos digitais podem ajudar a explorar e entender melhor a sociedade através dessas redes. Tendo a língua como grande critério definidor da cultura (PINKER, 1994), argumento que todo fenômeno cultural também é um fenômeno de comunicação e tradução que permite a produção de significado. Não obstante, dentro da área de humanidades digitais essa crítica cultural encontra-se praticamente ausente (LIU, 2012). Destarte, é importante entender como essas traduções são importadas e subsumidas para dentro de um contexto social e cultural variado. Assim, acredito que o meio digital, com suas camadas de contato e interconectividade permitem novas formas de melhoria na produção, exibição e transformação da pesquisa. Dessa forma, a partir da interfertilização entre elas, torna-se possível a identificação do potencial promovido pelas humanidades digitais, aqui apresentado como novo campo de estudo e pesquisa, que contém articulações entre o meio tecnológico e o meio humanístico tradicional de pesquisa (OLIVEIRA; MARTINS, 2017). Na fundamentação deste estudo, o entendimento do desenvolvimento da pesquisa de línguas é complexo, mas muito relevante. Mesmo

porque a tradução desses sinais em sinais significativos se desenvolve por meio do relacionamento que o campo das humanidades digitais mantêm com a linguagem e a pesquisa de línguas (SILVA, 2008). Assim, o futuro da pesquisa de línguas estrangeiras, tal como realizado através de suas próprias transformações digitais, pode ser mais bem entendido se o vemos possuir certas características que definem não apenas suas disseminações, mas também a nossa resposta a elas.

Na prática, o ensino e a pesquisa de línguas estrangeiras vêm amadurecendo. Por conseguinte, a função social de sua história vem se tornando importante ao (re)conhecer o passado, interpretar o presente e arquitetar o futuro da pesquisa de línguas estrangeiras. Essa função social é crucial para seu entendimento e desenvolvimento, pois organiza fatos sistematicamente em vista de sua atual necessidade. Tradicionalmente, essa história – e a produção acadêmica – na questão das línguas estrangeiras é vista por meio uma perspectiva eurocêntrica. Este artigo, assim como sua pesquisa titular, visa entender uma outra perspectiva: a brasileira. O Brasil proporciona um campo singular de estudo. A pesquisa de línguas no país oferece uma arena amplamente multidisciplinar (MONTEIRO, 2004). Esta “transdisciplinaridade envolve mais do que a justaposição de ramos do saber. Envolve a coexistência em um estado de interação dinâmica” (CELANI, 1998, p. 132). A história da pesquisa de línguas no Brasil tem enfoque no contato histórico cultural de sua colonização e assim concepção multilíngue e transdisciplinar. Ganha terreno, hoje, a busca por inovações e avanços de suas técnicas como área de pesquisa. De tal modo, para mim, essa constante transferência de informação é o que torna essa fronteira de contato da linha de pesquisa de línguas com a cultura digital tão interessante – e necessária para esta introdução do entendimento de suas práticas e aplicação.

Hoje em dia, essa pesquisa existe nos domínios analógicos e digitais. E esse movimento com respeito à digitalização dos processos de interação social atual também atinge vários outros ambientes sociais diferentes (KOHN; MORAES, 2007). De fato, é conhecido que atualmente pesquisas são concluídas e divulgadas em uma escala sem precedentes, e elas existem em muitas formas e formatos diferentes. As ferramentas de análise estão se tornando cada vez mais sofisticadas, e assim esse borne digital está sendo visto como um aspecto importante da formação e comunicação de pesquisas. Ainda faltam formas de incorporar e codificar as nuances e sutilezas de comunicação e interação. Assim, uma consequência dessa mudança se faz notar nas práticas de pesquisa, que se tornam emergentes de pesquisa híbrida e multimodal.

Inovação é um tema constante e necessário no estudo e mapeamento no âmbito acadêmico, especialmente no que se diz respeito às fronteiras de contato da pesquisa de línguas estrangeiras e a cultura digital. Presner (2010) argumenta em favor do potencial da tecnologia digital na produção de conhecimento. No campo educacional de línguas, Coscarelli (2015) estuda conceitos fundamentais em termos de práticas de leitura e escrita existentes no mundo digital que são frequentemente muito acessíveis. Além disso, procura entender como usar tecnologias ou o que precisamos para aprender a usá-las, de forma crítica e autônoma (COSCARELLI, 2015). Como já estabelecido, humanidades digitais são um campo transdisciplinar muito promissor, que vem crescendo e – devido à expansão digital – se transformando rapidamente nas últimas décadas. Mas como a tecnologia digital mudou a perspectiva do estudo de línguas? O quão importante é a tecnologia digital na história e no desenvolvimento da pesquisa de línguas modernas?

Eu a julgo essencial. A influência digital e a afluência da pesquisa de línguas são fundamentais na evolução do campo e pesquisa através de suas fronteiras de toque. Do ponto de vista do ensino e pesquisa de línguas, estamos vendo paisagens pedagógicas em rápida mudança. Destarte, o ensino de línguas modernas precisa fazer parte dessa agenda ao desenvolver as suas próprias competências digitais, por um lado, e influenciar a agenda de letramentos digitais com perspectivas multilíngues e transculturais, por outro. Logo, a agenda do letramento digital com perspectivas multilíngues ainda precisa cobrir muito terreno. Ao se expandirem para novos contextos culturais, debates se iniciam em condições mais favoráveis à discussão sobre a investigação digital da língua estrangeira.

Priani Saisó et al. (2014) abre essa discussão ao expressar aspectos sobre as dinâmicas institucionais das humanidades digitais que favorecem o domínio da língua inglesa em detrimento de outras partes do mundo. Rio Riande (2014, 2015) discorre sobre o desenvolvimento e uso de competências e tecnologias digitais no contexto latino-americano e como o campo de humanidades digitais desenvolve-se em países não anglófonos onde questões tecnológicas fazem parte de contextos culturais e socioeconômico próprios. E de fato, cresce a relevância das humanidades digitais em países que não falam inglês. Porém, ainda há inegáveis desigualdades linguísticas, geográficas e culturais nas fronteiras de contato das linhas de pesquisa de línguas e a cultura digital (SPENCE; GONZÁLEZ-BLANCO, 2014; RIO RIANDE, 2014; RIO RIANDE, 2015; GALINA et al., 2015). No Brasil, essa área ainda é pouca desenvolvida e timidamente estudada.

Estamos no prólogo do tomo dessa tradução mediada da produção de informação e pesquisa na área de línguas, principalmente no que diz respeito à transposição desta ao entrar e sair da esfera digital. Embora aceito que a pesquisa de línguas estrangeiras é fundamental ao entendimento das humanidades digitais, pouco se tem estudado sobre essas interações entre a cultura digital e a pesquisa de línguas. Na prática, os esforços para se tornar digital estão transformando a forma com que a sociedade transmite informações. De fato, atualmente, compreende-se a língua como uma atividade coletiva e interativa, de tal modo que é impraticável estudar a língua por si só e distante dessa fronteira de contato com a cultura digital. E se no mundo, a história da influência das humanidades digitais começou em meados dos anos 1940 (HOCKEY, 2004; SVENSSON, 2009, 2010, 2012; KIRSCHENBAUM, 2010; DALBELLO, 2011), no Brasil, essa área ainda é pouca desenvolvida e timidamente estudada. Souza (2009, 2013) estuda a difusão digital na produção de texto, expondo uma reflexão sobre a produção e circulação do texto em função desta (nova) dimensão digital e seu papel na revolução tecnológica na produção de conhecimento e pesquisa.

Anteriormente, Oliveira e Martins (2017, p.13) mapearam “o estado da produção científica sobre humanidades digitais no Brasil”, pondo os estudos de línguas e letras em foco, visto “que [o] paradigma entre os processos de pesquisa tradicionais e a influência recente das capacidades digitais pode ser muito constante nestas áreas” (OLIVEIRA; MARTINS, 2017, p.18). No entanto, não foram encontrados na literatura brasileira discussões ou pesquisas que correlacionassem a pesquisa de línguas e a cultura digital ou colocassem em destaque o uso desta na pesquisa de línguas estrangeiras. Assim, este trabalho concentra-se em entender esse toque e contato da pesquisa de línguas no país com a cultura digital. Este estudo visa olhar aprofundadamente esta intercepção aqui sugerida. Um ponto de partida para uma investigação mais minuciosa sobre este assunto poderia ser a seguinte questão: como a pesquisa de línguas serve-se da cultura digital? A fim de obter alguma visão preliminar sobre isso, realizei uma análise de conteúdo exploratório por meio do

Scielo Brasil, biblioteca científica eletrônica online, sobre as dimensões consideradas. Profissionais da área atestam que há várias razões para a existência de uma agenda para a pesquisa de línguas mediadas digitalmente. As áreas de contato entre a pesquisa de línguas estrangeiras e a cultura eram anteriormente desconhecidas.

MINHA ANÁLISE EXPLORATÓRIA

Este ensaio visa uma maior familiaridade sobre as regiões fronteiriças da tecnologia digital e a pesquisa de línguas. Destarte, estabelecido a base teórica deste artigo, que é relevante para como os resultados serão interpretados, é importante compreender como os dados serão coletados, estruturados e aplicados na argumentação desta pesquisa. A abordagem metodológica está apoiada em uma análise exploratória de conteúdo.

O intuito da análise de conteúdo e, assim, desta pesquisa é a inferência de conhecimentos exploratórios, quantitativos ou não, relativos às condições de produção da pesquisa de línguas no Brasil. Além disso, atualmente, é proposto que o método de análise de conteúdo não só faça referência ao conteúdo de suas mensagens, mas também sua linguagem, planos de fundos e referentes (RODRIGUES; LEOPARDI, 1999). Com o objetivo de proporcionar uma melhor compreensão do fenômeno das *mediações digitais*, no âmbito deste estudo, a análise de conteúdo foi utilizada como técnica para descrever essas várias camadas de contato, e traduzir a mediação de informação entre a pesquisa línguas estrangeiras no Brasil e o meio digital. Atendendo aos objetivos desta pesquisa, a aplicação de métodos exploratórios na análise das fronteiras de contato entre pesquisa de línguas e o digital tem como escopo fornecer um ponto de vista analítico mais abrangente no contexto brasileiro, ao provocar a discussão no âmbito nacional.

De fato, ao analisar Gardner e Musto (2015), Taylor e Thornton (2017), e Oliveira e Martins (2017), entre outros, esta pesquisa é capaz de propor um melhor uso da tecnologia e cultura digital na pesquisa de línguas. Por ora, devido à falta de conhecimento base desse contato, procuro simplesmente explanar sua atual esfera de ação. Ao analisar suas definições, fundamentos e, em particular, sua dialética e diálogo entre a pesquisa de línguas e a cultura digital, foi realizada uma síntese de tal fronteira de contato. Ofereço-a como uma inicial análise dessa interdisciplinaridade para a produção de conhecimento e pesquisa.

Um total de 41 artigos que usaram a cultura digital como instrumento para relatar ou discutir questões relacionadas ao estudo e pesquisa de línguas no Brasil, desde 1997, foram coletados para análise através do repositório Scielo Brasil. Para efeito deste estudo, a pesquisa foi conduzida usando o repositório Scielo Brasil devido ao seu depósito aberto e de livre acesso. Tal repositório compromete-se a ser uma biblioteca científica eletrônica online que coleta artigos científicos dos principais periódicos brasileiros. Em termos de abrangência, a escolha desse repositório deve-se ao escopo amplo de coleta de periódicos científicos no país. A amostra total inclui artigos e pesquisas que foram coletados por meio dos índices (*digital*) AND (*língua*) AND in:("scl"). Os termos de pesquisa usados incluem digital e língua. A busca na base Scielo Brasil resultou em 51 artigos dos quais 41 atenderam aos critérios de busca e 29 focam somente no estudo de línguas estrangeiras. Nota-se que dez artigos foram retirados da análise visto que apesar de catalogados como (*digital*) AND (*língua*) tinham como foco em artigos da área de medicina e ciências biológicas, e assim não eram pertinentes a esta análise. Desse modo, a amostra resultante incluiu 41 artigos, ocasionalmente focando nesses 29 artigos.

Neste artigo, apresento uma revisão de literatura sobre a confluência de linguagens, explorando o entendimento da disciplina dentro de uma interdisciplinaridade que se estende entre o meio digital humanístico e a pesquisa de línguas (PRIANI, et.al., 2014; SPENCE, 2015; TAYLOR; THORNTON, 2017). Dessa maneira, o entendimento da interconectividade entre a pesquisa de línguas e o meio digital é já claro e bem elucidado. No âmbito de um estudo exploratório, coloquei a ênfase em quatro variáveis que considere cruciais para provocar e ampliar a discussão sobre o uso da cultura digital na produção de conhecimento no país. Assim, esta pesquisa usou códigos principalmente para destacar as frequências de: (1) língua estudada, (2) ano de publicação, (3) instituto de ensino e pesquisa e (4) palavras-chave. A escolha do *software* estatístico para o tratamento dos dados, recaiu no uso (Figura 1, 2, 3, 5) do SPSS. Testes foram realizados com o *software* SPSS Statistics (v. 24, IBM SPSS). Para melhor apresentar os dados encontrados durante minha análise no SPSS, as figuras 4 e 6 foram produzidas no aplicativo RAW e, também, Voyant na criação da nuvem de palavras (figura 7). Como outra análise de dados exploratórios (figura 8), realizei manipulações de redes para revelar estruturas subjacentes de associações entre instituições. Para isso, usei o *software* Gephi como um pacote de *software* de análise de rede. Os resultados dessas análises são os que se seguem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiro, explorei se era comum que as pesquisas de línguas no Brasil busquem estender sua pesquisa para além do português. Essa informação é um aspecto importante a ser incluído e considerado para o desenvolvimento da disciplina para além das suas atuais estruturas anglófonas, e em um registro multilíngue. Esta temática ajuda pesquisadores a pensar na pesquisa de línguas de uma forma mais global e menos local. O resultado, como mostrado na Figura 1, foi particularmente positivo: 66% das pesquisas de línguas focam no estudo de línguas estrangeiras. Somente 34% focam na pesquisa do português como matéria de pesquisa.

Figura 1. Frequência de línguas proeminentes nos artigos [% da amostra relevante]

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Português	17	41.5	41.5	41.5
	Estrangeira	24	58.5	58.5	100.0
	Total	41	100.0	100.0	

Fonte: elaborado pela autora.

Seguindo essa lógica, examinei a proporção das diversas línguas dentro do termo genérico “estrangeiras”. Novamente, essa informação é importante para a discussão sobre a descentralização da língua inglesa dentro da pesquisa de língua moderna, e suas áreas de contato com a cultura digital. O resultado (Figura 2) mostra que 83,3% das pesquisas entendidas como estrangeiras focam no estudo do inglês como língua estrangeira. De acordo com a amostra, o espanhol representa apenas cerca de 8% dos estudos de línguas estrangeiras, assim como a pesquisa multilíngue. Essa informação

não é uma novidade e já foi repetidamente reafirmada em outros estudos (SPENCE; GONZÁLEZ-BLANCO, 2014). Esse enfoque também existe dentro da disciplina de humanidades digitais e vem sendo extensivamente debatido por pesquisadores como McPherson (2012) e Fiormonte (2012).

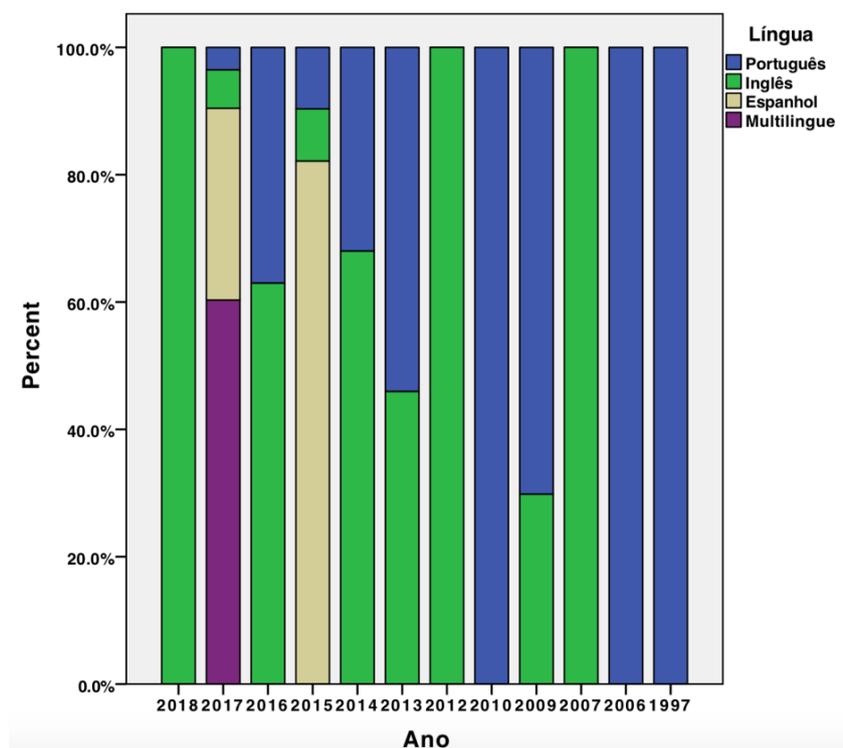
Figura 2. Frequência de línguas estrangeiras proeminentes nos artigos [% da amostra relevante].

		Língua			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Inglês	20	83.3	83.3	83.3
	Espanhol	2	8.3	8.3	91.7
	Multilingue	2	8.3	8.3	100.0
	Total	24	100.0	100.0	

Fonte: elaborado pela autora.

Em seguida, analisei a frequência de línguas estudada nos artigos por ano. Esta será a base para as próximas duas análises. A análise (Figura 3) da amostra relevante de dados relatados mostra que houve uma inversão no estudo de línguas no Brasil. Inicialmente, estudos focavam essencialmente no português como assunto de estudo. Durante os anos 2010, principia uma mudança que inverte o tema de estudo: o inglês passar a ser predominante, enquanto o resto se desloca para segundo plano. Em 1997 e 2006, 100% da amostra relevante estudou o português. Durante os próximos seis anos, o português continua dominante na pesquisa. O ano de 2013 é crucial nesta análise. Em 2013, português e inglês dividem a análise em 50/50, tornando-se assim ponto-chave e momento onde o registro de pesquisa brasileira muda seu foco. É também interessante que 2015 é o primeiro ano no qual outra língua estrangeira é estudada. A Figura 4 ilustra essa questão.

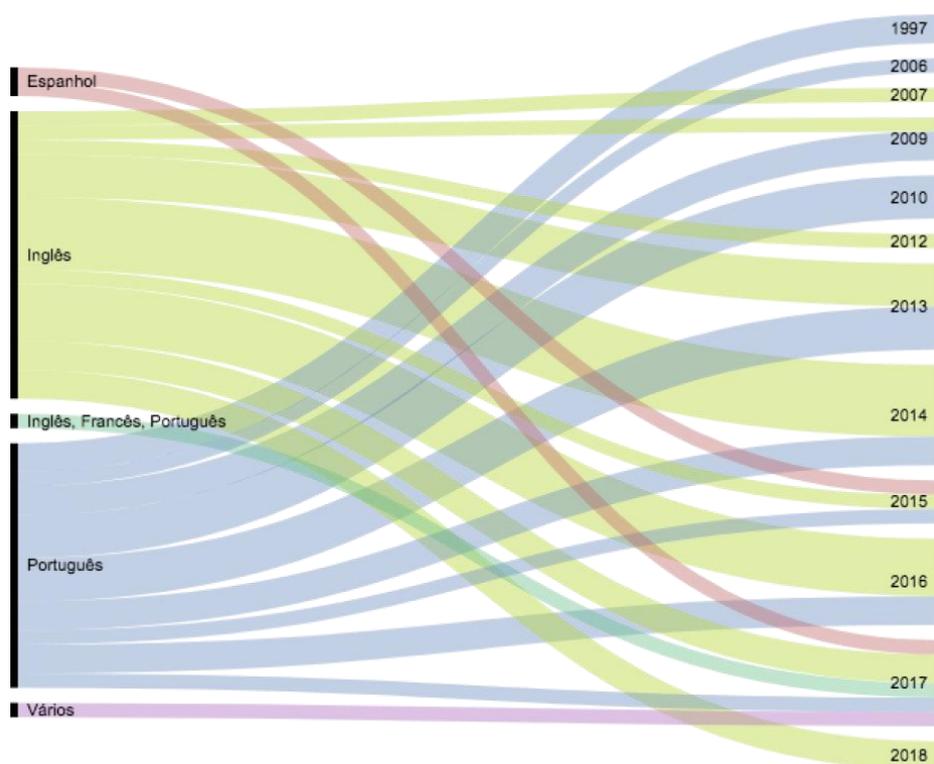
Figura 3. Frequência de línguas estudadas nos artigos por ano [% da amostra relevante].



Fonte: elaborado pela autora.

Continuando esta análise, o resultado, como mostrado na Figura 4, comprova a mudança temática. É observável que, em 2013, a língua inglesa ultrapassou o português como língua de estudo primária. No entanto, 2015 é o ano em que a pesquisa brasileira de línguas se torna multilíngue. Primeiro com o espanhol, (2015 e 2017), e depois com a introdução do francês (2017), seguido de uma multitude de línguas estrangeiras (2017) que vão além da área de influência europeia. A expansão da língua inglesa no Brasil tem uma relação com a sua consolidação na hegemonia global (primeiramente inglesa, depois norte-americana). Após a década de 1930, a Inglaterra avançou no declínio de seu domínio global, enquanto os Estados Unidos avançavam sua hegemonia, que se consolidou nos pós-Segunda Guerra Mundial. De fato, a expansão da língua inglesa acompanha paralelamente essa hegemonia, mas também a da tecnologia. À medida que o acúmulo de informações ultrapassou a capacidade de armazenamento do homem, os computadores entraram em ação. À medida que se pretendeu globalizar a comunicação, a linguagem vem sendo substituída. Assim, é também entendível que essa descentralização, essa dispersão em diferentes direções de pesquisa e línguas ocorra na pesquisa acadêmica.

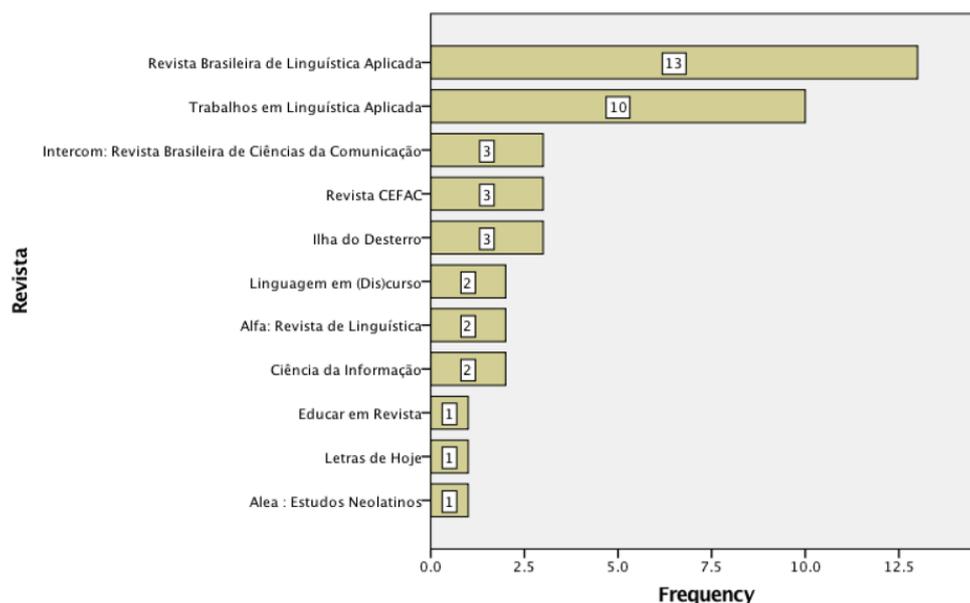
Figura 4. Cronograma de línguas estudadas [% da amostra relevante].



Fonte: elaborado pela autora.

Em quinto lugar, explorei as revistas e os meios de publicações. Nessa estrutura, a *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* e a *Trabalhos em Linguística Aplicada* são, de longe, as revistas mais utilizadas. A *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* publicou 13 artigos da amostra relevante. *Trabalhos em Linguística Aplicada* publicou outros 10. Dentro dessas análises, é interessante ver que somente duas (entre 11) publicações, são diretamente vinculadas a meios de comunicação focados no letramento digital. *Ciência da Informação* e *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, são as duas únicas publicações de cunho essencialmente digital. Assim, é possível argumentar que a pesquisa de línguas se serve do digital de forma mais hegemônica que a cultura digital do multilinguagem.

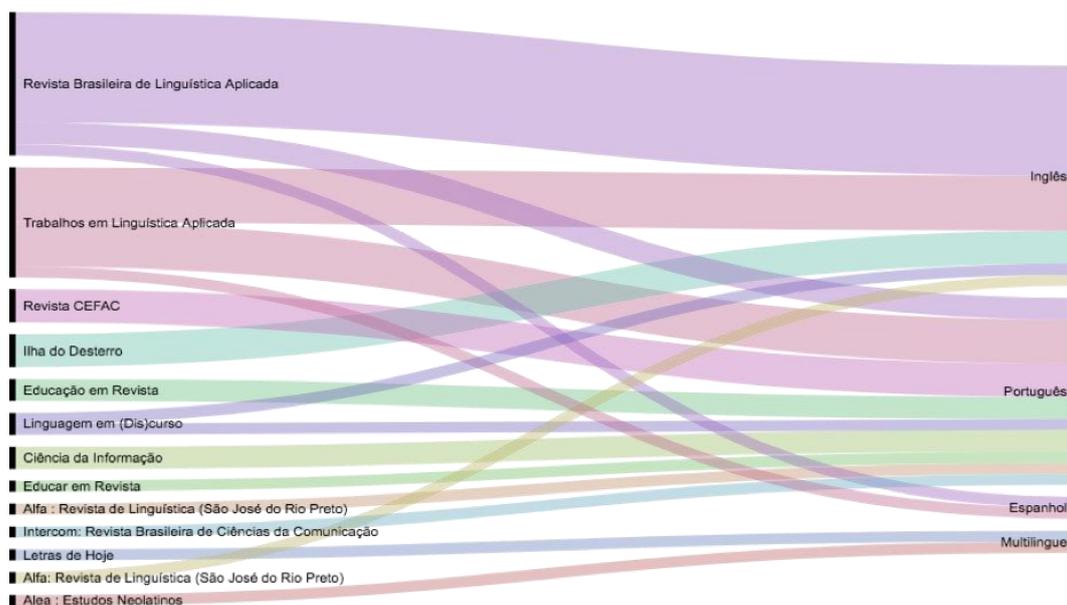
Figura 5. Frequência de artigos publicados por fonte/revista [% da amostra relevante].



Fonte: elaborado pela autora.

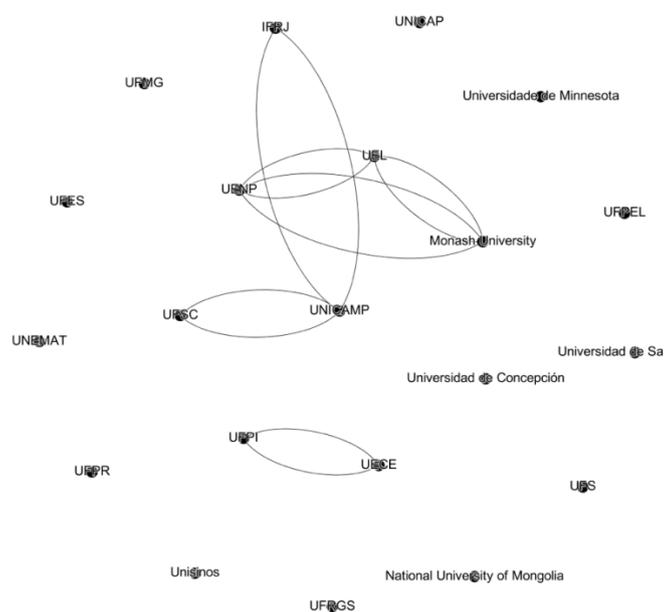
Seguindo esta análise, é interessante sinalizar que ambas as fontes de cunho fundamentalmente digital publicaram artigos tendo exclusivamente a língua portuguesa como objeto de estudo. Assim, da mesma forma que o registro de pesquisa mostrou um atraso na observação de línguas estrangeiras, a Figura 6 também expõe um atraso no uso do multilinguismo na pesquisa digital.

Figura 6. Cronograma de artigos publicados por fonte e línguas estudadas [% da amostra relevante].



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 8. Análise de dados exploratórios da rede de instituições [% da amostra relevante].¹



Fonte: elaborado pela autora.

Em conclusão, esta análise, seus resultados e discussões mostraram uma extraordinária fronteira de contato entre a língua estrangeira e a cultura digital. Verifica-se também um início de uma disseminação ampla do estudo multilíngue que se estende à cultura digital na produção de conhecimento e pesquisa no Brasil. Em suma, embora os dados acima não permitam uma percepção quantitativa profunda da posição da cultura digital perante a pesquisa de línguas no país, eles indicam uma tentativa de iniciar a discussão, procurando provocar outros debates e abrir outras questões para debate.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao sugerir que a linguagem digital se estende à pesquisa de línguas, este artigo se propôs a dar início a uma discussão de como a pesquisa de línguas se serve da cultura digital no Brasil. Para além do atual centro de influência europeu/americano, olhou para o Brasil como um exemplo de inspiração no *Sul Global*. A cultura digital como

¹ Legenda: UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais; UEL– Universidade Estadual de Londrina; Uenp– Universidade Estadual do Norte do Paraná; Unicamp – Universidade Estadual de Campinas; UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina; Ufpel – Universidade Federal de Pelotas; UFPI – Universidade Federal do Piauí; Uece – Universidade Estadual do Ceará; UFS – Universidade Federal de Sergipe; IFRJ – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro; Unemat – Universidade do Estado de Mato Grosso; Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo; Unicap – Universidade Católica de Pernambuco; Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos; UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul; UFPR – Universidade Federal do Paraná.

grande instrumento facilitador da pesquisa de línguas estrangeiras precisa ganhar espaço no campo das humanidades digitais. No âmbito global, a pesquisa de línguas promove um processo participativo de construção na área de humanidades digitais (KIRSCHENBAUM, 2010; FITZPATRICK, 2012, PRIANI, et.al., 2014). No entanto, no Brasil essa discussão é ainda iniciante, mas com enorme potencial. Quando o papel das tecnologias digitais é discutido como elemento intermediário que abre espaço para redefinir a natureza e o conteúdo da pesquisa de línguas estrangeiras (TAYLOR; THORNTON, 2017), é vital entender como a humanidade digital se inseriu num contexto de dimensão simbólica e cultural que modificou a pesquisa. Quando a cultura digital influencia língua e linguagens, ela se torna multimodal, mais complexa e aberta a melhoramentos e constantes mudanças. Apesar do foco internacional dentro do domínio de humanidades digitais ser na dinâmica de pesquisa focada no *Norte Global* e com pesquisadores anglófonos (FIORMONTE, 2012; MCPHERSON, 2012), é importante desenvolver e ampliar essa questão ao âmbito global, e passar a entender como a pesquisa de línguas serve-se da cultura digital de uma forma mais integral.

Usando de técnicas de análise de conteúdo, eu analisei artigos científicos no âmbito da pesquisa de línguas no Brasil. Minha análise sugere um descobrimento introdutório para pesquisa de línguas mediadas digitalmente, porém lhes falta uma pauta e um entendimento desse uso tecnológico emergente na pesquisa. Esta pesquisa teve como objetivo abordar o papel da cultura digital na pesquisa de línguas modernas no Brasil. Tendo apresentado as conclusões desta análise nas partes precedentes, a tarefa é determinar sua importância no campo acadêmico. Este estudo é crítico porque fornece novos conhecimentos sobre os usos das humanidades digitais na pesquisa de línguas estrangeiras no país. A pesquisa produz informações diversas sobre o objeto, metodologia e posicionamento de diversas pesquisas no âmbito acadêmico brasileiro. Esta análise deve ser entendida e estendida em uma abordagem territorial e comparativa.

A principal contribuição deste artigo é a inicial compreensão do diálogo entre línguas, sua pesquisa e uso da tecnologia digital na construção de uma dialética do movimento da cultura digital dentro das línguas. Nesse contexto, há também espaço fundamental para futuras pesquisas. Primeiramente, uma análise mais aprofundada deve ser feita sobre a transição da pesquisa da língua vernácula para o inglês, e mais recentemente do inglês para o espanhol. Tenho como hipótese de que essa relação histórica do inglês como símbolo máximo da expansão cultural e da civilização mundial inspirou a construção inicial da pesquisa no Brasil. Será que a pesquisa de línguas no Brasil “utilizou” o digital para descentralizar a linguagem? Se sim, como? Por exemplo, nesta análise sugiro que a desenvolvimento da língua inglesa no Brasil acompanhou paralelamente o avanço da tecnologia. Na segunda parte, também há espaço para entender por que do hiato de 10 anos entre pesquisas. O que levou a primeira pesquisa de línguas a acontecer em 1997 e depois somente em 2006? Isto pode ser somente uma coincidência, mas também pode ter vínculos paralelos ao crescimento e uso mais frequente de tecnologias digitais.

A pesquisa sugere que o Brasil ainda tem que realizar um esforço e ampliar o escopo para responder adequadamente a esta mudança de investigação e comunicação de pesquisas de línguas. Estamos apenas começando a entender os efeitos da tecnologia digital na recepção e transmissão de informação, e assim é necessário um maior aprofundamento na pesquisa sobre línguas, multilinguismo e o conceito de cultura digital e suas mídias. Para esse intercâmbio aberto, este artigo pede o desenvolvimento da discussão sobre o impacto do advento da tecnologia digital na

pesquisa de línguas; e igualmente como a pesquisa multilíngue muda a pesquisa de humanidades digitais. Como as línguas influenciam a cultura digital e como a cultura digital influencia a pesquisa de línguas? Fundamentalmente, é claro, esta é a questão mais importante.

Assim, esta pesquisa visa o mapeamento e estruturação do atual cenário da pesquisa de línguas, com especial ênfase nos estudos conduzidos no Brasil, examinando sua tensão com a cultura digital. O objetivo desta investigação é descrever o lugar da pesquisa de línguas e línguas estrangeiras no contexto investigativo do Brasil. Esta investigação também é necessária ao crescimento e desenvolvimento conjunto da pesquisa de línguas estrangeiras e humanidade digitais. Também é necessário o entendimento da cultura digital não somente como um meio de pesquisa ou metodologia, mas como uma contribuição mútua de exploração e pesquisa.

Artigo recebido em 11/02/2019 e aprovado em 03/05/2019.

REFERÊNCIAS

Berry, D. M. *Computational turn: thinking about the digital humanities*. *Culture Machine*, v. 12, p. 1-22, 2011.

BURDICK, A. et al. *Digital humanities*. Boston: MIT Press, 2012.

CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na linguística aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

COSCARELLI, C. V. *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

CUDDON, J. A. *A dictionary of literary terms and literary theory*. 5. ed. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2013.

DALBELLO, M. A genealogy of digital humanities. *Journal of Documentation*, v. 67, n. 3, p.480-506, 2011.

FIORMONTE, D. Towards a cultural critique of the digital humanities, *Historical Social Research*, v. 37 n. 3, p. 59-76, 2012.

FITZPATRICK, K. The humanities, done digitally. In: GOLD, MATTHEW K. (Ed.). *Debates in the digital humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press. Disponível em: <dhdebates.gc.cuny.edu/debates/text/30>. Acesso em: 15 maio 2019.

GALINA, I. et al. Se hablaespañol: formando comunidades digitales en el mundo de habla hispana. In: CONGRESO INTERNACIONAL HUMANIDADES DIGITALES HISPÁNICAS, 2., 2015, Madri. *Abstracts...* Madri: Humanidades Digitales Hispánicas, 2015. Disponível em: <<http://hdh2015.lindh.es/ebook/hdh15-galina.xhtml>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

GARDINER, E.; MUSTO, R. G. *The digital humanities: a primer for students and academics*. New York: Cambridge University Press, 2015.

GOLD, M. K. (Org.). *Debates in the digital humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

HOCKEY, Susan. *The history of humanities computing: a companion to digital humanities*. Oxford, UK: Blackwell, 2004.

KIRSCHENBAUM, M. G. What is digital humanities and what's it doing in English departments? *ADE Bulletin*, n. 150, p. 55-61, 2010.

KOHN, K; MORAES, C. H. de. O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da sociedade da informação e da sociedade digital. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. *Anais...Santos: Intercom*, 2007. Disponível em: <<https://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1533-1.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2019.

LIU, Alan. Where is cultural criticism in the digital humanities. In: GOLD, Matthew K. (Ed.). *Debates in the digital humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

MCPHERSON, T. Why are the digital humanities so white? Or thinking the histories of race and computation. In: GOLD, M. K. (Ed.). *Debates in the digital humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

MONTEIRO, D.C. Avaliando a produção de pesquisa em linguística aplicada: foco no ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira. In: _____. *Ensino-aprendizagem de língua inglesa em alguns contextos brasileiros*. Araraquara: Laboratório Editorial, FCL, Unesp; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004.

OLIVEIRA, L.; F. R.; MARTINS, D. L. O estado da arte em pesquisas sobre humanidades digitais no Brasil. *PRACS: revista eletrônica de humanidades do Curso de Ciências Sociais da Unifap*, v. 10, n. 1, p. 9-20, 2017.

PINKER, S. *The language instinct*. Nova York: William Morrow, 1994.

PRESNER, T. Digital humanities 2.0: areport on knowledge. *Hastac*, 29 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.hastac.org/files/legacy/DigHum2.0-Presner.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2019.

PRIANI SAISÓ, E. et al. Las humanidades digitales en español y portugués: un estudio de caso: DíaHD/DiaHD. *Anuario Americanista Europeo*, n. 12, p. 5-18, 2014.

RIO RIANDE, G. del. De qué hablamos cuando hablamos de humanidades digitales? In: AAHD CONFERENCE. *CULTURAS, TECNOLOGÍAS, SABERES*, 1., 2014, Buenos Aires, Argentina. *Resumos...* Buenos Aires: Asociación Argentina de Humanidades Digitales, 2014.

_____. De qué hablamos cuando hablamos de humanidades digitales? *Docentes em Línea*, 2015. Disponível em: <<http://blogs.unlp.edu.ar/didacticaytic/2015/05/04/de-que-hablamos-cuando-hablamos-de-humanidades-digitales/>>. Acesso em: 23 abr. 2019

RODRIGUES, M.S.P.; LEOPARDI, M.T. *O método de análise de conteúdo: uma versão para enfermeiros*. Fortaleza (CE): Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, 1999.

ROGERS, R. *Digital methods*. Cambridge, MA: MIT Press, 2015.

SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (Ed.). *A companion to digital Humanities*. Hoboken, NJ: Blackwell Publishing, 2004.

SILVA, C.H.D. *Uma proposta de letramento para o ensino de língua estrangeira na escola pública*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SPENCE, P. Modern languages research and the digital humanities. *A Blog about the Digital Humanities*, 13 jul. 2015. Disponível em: <www.paulspence.org/mlr-and-dh/>. Acesso em: 16 maio 2019.

SPENCE, P.; GONZALEZ-BLÁNCO, E. A historical perspective on the digital humanities in Spain. *H-Soz-Kult*, 7.nov. 2014. Disponível em: <www.hsozkult.de/debate/id/diskussionen-2449>.

SOUZA, M. C. P. de. Conceito material de “texto digital”: um ensaio. *Texto Digital*, v. 5, n. 2, p. 1-29, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/14383>>. Acesso em: 16 maio 2019.

_____. Texto digital: uma perspectiva material. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 35, p. 15-60, 2015. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/643>>.

SVENSSON, P. Humanities computing as digital humanities. *Digital Humanities Quarterly*, v.3, n.3, 2009.

_____. The landscape of digital humanities. *Digital Humanities Quarterly*, v 4, n.1, 2010.

_____. Beyond the big tent. In: GOLD, M. K. (Org.). *Debates in the digital humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.

TAYLOR, C.; THORNTON, N. Modern languages and the digital: the shape of the discipline. *Modern Languages Open*, 2017. DOI: <<http://doi.org/10.3828/mlo.v.156>>.

TERRAS, M.; NYHAN, J.; VANHOUTTE, E. *Defining digital humanities: a reader*. Farnham, UK: Ashgate Publishing, 2013.

Worton, M. *Review of modern foreign languages provision in higher education in England*. 2009. Disponível em: <http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20120716093309/http://www.hefce.ac.uk/media/hefce1/pubs/hefce/2009/0941/09_41.pdf>. Acesso em: 16 maio 2019.